

Julieta Jerusalinsky
O acompanhamento terapêutico e a construção de um protagonismo*

O acompanhamento terapêutico de crianças relaciona-se com a inclusão educativa por visar a circulação social e a apropriação dos ideais da cultura a partir da singularidade da criança. A circulação pela cidade fica articulada à possibilidade de circulação do desejo para a criança.

>Palavras-chave: Acompanhamento terapêutico, inclusão, psicanálise de crianças, síndrome de Down

Therapeutic accompaniment of children is related to educational inclusion, in so far as it aims to foster social moving about and the appropriation of cultural ideals, based on the child's singularity. Moving about in the city becomes related to the possibility that the child's own desire will also become able to move about.

>Keywords: Therapeutic accompanying, inclusion, child psychoanalysis, Down's Syndrome

Quando se fala a respeito da inclusão de crianças que apresentam problemas em seu desenvolvimento – sejam estes originados por fatores orgânicos e/ou pela constituição do sujeito – logo pensamos na inclusão escolar. Não é à toa, já que a escola é, por excelência, a instituição dedicada à infância, incumbida pela sociedade de instruir, proteger e preparar as crianças enquanto o futuro, em que elas

serão jovens e poderão escolher diferentes caminhos de formação, não chega. Na escola se realiza a transmissão de valores e conhecimentos da cultura, e, ainda que em cada família estes valores possam assumir leituras particulares, cada membro da família, para vir a ser um cidadão, terá que, de um modo ou de outro, se posicionar nessa cultura da qual faz parte.

* > O presente artigo apresenta algumas modificações em relação à sua primeira publicação na revista *Escritos da criança*. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat de POA, n. 6, 2001

Então, quando uma criança apresenta problemas em seu desenvolvimento e é impossibilitada de ir à escola, uma ameaça recai sobre seu futuro, suas possibilidades de escolha e sua cidadania.

Desde a declaração de Salamanca, em 1994, muito tem se discutido acerca da inclusão escolar. Mas, ainda que a máxima "escola para todos" signifique um progresso político inegável, na clínica nos defrontamos diariamente com os problemas "qual escola?" e "para quem?", já que, na prática, nem as crianças e nem as escolas são todas iguais.

Em algumas interconsultas em escolas, quando somos chamados¹ para discutir a vida escolar de pacientes e interrogamos acerca do projeto pedagógico que se tem para a criança em questão, mais de uma vez escutamos: *"Está há tempo no mesmo ano, não tem condições de seguir adiante e acompanhar os outros, então vai ficando"*; *"Não se alfabetiza, então fica com as crianças menores. Mas, para a família, é importante que venha à escola"*; ou até *"Está aqui para ser feliz"*.

Por isso, para além do respaldo político de uma lei, na clínica é necessário considerar se uma escola é compatível com o projeto que cada família tem para sua criança e também se o laço entre a escola e o pequeno paciente está efetivamente possibilitando sua aprendizagem. Quando estas questões se perdem de vista, a escola deixa de cumprir a sua justa função.

Esse modo de ir à escola, em que a pergunta pelo projeto pedagógico fica de fora, simplesmente repete o esvaziamento de significação das ações no qual ficam tomadas algumas crianças que apresentam problemas em seu desenvolvimento. Nesse sentido também escutamos frases como: *"Vai ao cinema quando a irmã vai"*; *"Quando os irmãos descem para brincar, sempre digo que a levem junto"*, *"Levo-a em todas as minhas viagens"*, e assim por diante.

O *"faz as mesmas coisas que todos"* fala tão presente em relação a crianças com problemas de desenvolvimento, muitas vezes encobre, com uma aparente democracia e pé de igualdade com os outros, o anonimato e a ausência de um projeto de vida no qual uma criança é lançada. Frequentar a escola simplesmente *"porque todos vão"*, se bem possa ter um aparente efeito normalizador, não implica a inclusão social de uma criança se esta ida à escola não a toma num projeto maior de transmissão da cultura. E tal transmissão, se bem tenha a escola como lugar privilegiado, não acontece só ali.

A partir daí introduzimos na temática da inclusão a questão do acompanhamento terapêutico (A.T.), que propomos continuar trabalhando desde um recorte clínico.²

Quando inicia o A.T., Fabiana tem cinco anos. Frequentava um jardim de infância próximo à sua casa. Nos primeiros conta-

1> Refiro-me aqui à experiência clínica em comum com os colegas do CEPAGIA – Centro de Estudo, Pesquisa e Atendimento Global da Infância e da Adolescência, Brasília-DF.

2> Trata-se de uma intervenção realizada ao longo do ano de 1994 no Centro Lydia Coriat de Porto Alegre, onde o acompanhamento terapêutico vem sendo praticado desde 1980 como uma modalidade de intervenção articulada ao trabalho clínico interdisciplinar.